

**MEMÓRIA, PERCEPÇÃO E VIVÊNCIA NA DINÂMICA SOCIOAMBIENTAL
DE UMA COMUNIDADE COSTEIRA AMAZÔNICA – PA**

Felipe Kevin Ramos da Silva

Mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Pará – PPGeo/UFPA.
felipekevin.geografia@gmail.com

Cristina do Socorro Fernandes Senna

Doutora em Biologia (Ecologia) pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia – INPA.
Pesquisadora Associada do Museu Paraense Emílio Goeldi – MPEG.
polensenna@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo mostra os resultados da abordagem geográfica sobre a relação Sociedade-Natureza no contexto do espaço vivido e da dinâmica socioambiental da comunidade de Taperinha, resgatada na memória, percepção e vivência comunitária na planície costeira do município de Quatipuru – PA. A abordagem geográfica da paisagem, enquanto espaço vivido, construído a partir das práticas socioambientais, possibilita um olhar sensível acerca do modo de vida da comunidade, com processos de apropriação do espaço e da natureza que transcendem a subjetividade com o meio ambiente, destacando a importância de estratégias cotidianas que são construídas ao longo do ano, em ciclos climáticos sazonais, chegando aos ciclos decadais, cuja percepção ambiental apoia-se na memória coletiva comunitária. A relevância desse estudo, portanto, demonstra a valorização dos saberes vernaculares em sua totalidade existencial, em prol do princípio da dignidade humana como direito público, e consequentemente para a melhor gestão de seus recursos naturais no âmbito das Reservas Extrativistas Marinhas - RESEX da costa brasileira.

Palavras-chave: Cultura; Etnogeografia; Geograficidade; Paisagem.

**MEMORY, PERCEPTION AND EXPERIENCE IN ENVIRONMENTAL
DYNAMICS OF A COASTAL COMMUNITY AMAZON – PA**

ABSTRACT

This article shows the results of the geographical approach on the Society-Nature in the context of the space lived and socio-environmental dynamics of Taperinha, rescued in memory, perception and community experience in the coastal plain of the municipality of Quatipuru-PA. The geographical approach of landscape, while space, built from the socio-environmental practices, enables a sensitive look about the way of life of the community, with processes of appropriation of space and nature which transcend the subjectivity with the environment, highlighting the importance of day-to-day strategies that are built along the year, seasonal climatic cycles, reaching the decadal cycles, whose environmental perception relies on collective memory. The relevance of this study therefore demonstrates the appreciation of vernacular knowledge in its entirety, for the existential principle of human dignity as public law, and consequently for the better management of natural resources in the context of extractive reserves-Marine – “RESEX” of the Brazilian coast.

Keywords: Culture; Ethnogeography; Geograficity; Landscape.

**MEMORIA, PERCEPCIÓN Y EXPERIENCIA EN LA DINÁMICA
AMBIENTAL DE UN AMAZON LITORAL DE LA COMUNIDAD - PA****RESUMEN**

Este artículo muestra los resultados del enfoque geográfico de la relación sociedad-naturaleza en el contexto del espacio de vida y la dinámica ambiental de la comunidad Taperinha, rescatado de la memoria, la percepción y la vida en comunidad en la llanura costera del municipio de Quatipuru - PA. El enfoque geográfico de paisaje como espacio habitable, construida a partir de las prácticas sociales y ambientales, permite una mirada sensible sobre el camino de la comunidad de vida, con los procesos de apropiación del espacio y la naturaleza que trascienden la subjetividad del medio ambiente, poniendo de relieve la importancia las estrategias de la vida cotidiana que se construyen a lo largo del año en los ciclos climáticos estacionales, alcanzando los ciclos decenales, cuya percepción del medio ambiente se basa en la memoria colectiva de la comunidad. La relevancia de este estudio, por lo tanto, demuestra el valor del conocimiento vernáculo en su totalidad existencial y en favor del principio de la dignidad humana y el derecho público, y por lo tanto para una mejor gestión de los recursos naturales dentro de las reservas marinas extractivas - Resex la costa brasileña.

Palabras clave: Cultura; Etnografía; Geographicity; Paisaje.

INTRODUÇÃO

“O que Deus faz só Deus que acaba, mas o homem destruiu muito”.¹

O presente trabalho tem como recorte espacial a planície costeira do município de Quatipuru – PA, que apresenta uma vasta riqueza ambiental, biológica e arqueológica com a presença de sambaquis, que demonstram a utilização dos recursos dos ecossistemas manguezal, pântanos, brejos e lagunas por populações pré-históricas de pescadores-coletores nesta região há pelo menos 5.000 anos (SIMÕES, 1981). A unidade fisiográfica Costa Atlântica do Salgado Paraense possui cerca de 598 km de linha de costa, sendo dotada de um conjunto de ecossistemas que apresentam um alto grau de especialização e uma forte sensibilidade a mudanças ocorridas em seus elementos constituintes (FERNANDES, 2005), sejam estas mudanças promovidas por fenômenos naturais, como as variações relativas do nível do mar ocorridas ao longo do período do Holoceno.

Há também as mudanças promovidas pela atividade antropogênica, que se realiza através da exploração destes ecossistemas pela população local e outros agentes que se beneficiam dos recursos extraídos, podendo ou não alterar drasticamente o equilíbrio existente nessas áreas. Diversos processos antrópicos como a crescente urbanização,

¹ Conversa realizada no dia 13 de janeiro de 2016 com um morador da comunidade de Taperinha. Nesta fala, embora demasiada simples, sua simplicidade possui a capacidade de revelar a percepção ambiental e a própria relação ética com a natureza, que apesar do desenvolvimento acelerado, ainda assim, se percebe a consciência de uma “natureza divina” que merece ser respeitada.

Memória, percepção e vivência na dinâmica socioambiental de uma comunidade costeira
Amazônica – PA

Felipe Kevin Ramos da Silva; Cristina do Socorro Fernandes Senna

aumento do contingente populacional em vilas e sedes de município, a exploração dos recursos de forma inadequada são uma ameaça a esses ambientes costeiros, levando à necessidade de se obter dados sobre a influência desses processos sobre a dinâmica ambiental natural, que regula o funcionamento dos ecossistemas, com seus diferentes componentes.

Nossos objetivos, portanto, concentram-se em analisar a paisagem como dimensão da existência humana e suas ações nos ecossistemas (DARDEL, 2015); descrever as potencialidades dos estudos geográficos na perspectiva fenomenológica; desvelar uma parte da Amazônia a partir de sua “amazonicidade” (LOUREIRO, 2016). Para isso, fomos a campo, participamos das atividades cotidianas da comunidade, com a utilização de conversas abertas que nos possibilitasse uma relação espontânea entre os saberes e percepções. Caminhamos pela metodologia da “descrição densa”, como nos ensina Geertz (2008 [inspirado em Ryle]), na qual nos aproximamos daquilo que Claval (2012) chama de “etnogeografia”.

Segundo Claval (2002), essa “nova” abordagem que valoriza a individualidade e o papel coletivo das comunidades nas diferentes paisagens e lugares ganha força, a partir de 1970, com uma forte contribuição da fenomenologia que desperta a partir desse momento, o interesse pela experiência direta dos lugares e pelo sentido de morar (para quem e não para que, hoje e não ontem). Assim, a relevância desse estudo surge por estar em consonância com algumas problemáticas ambientais/ecológicas na contemporaneidade (LEFF, 2006), fazendo-se presente na região e na Amazônia como um *Todo*. Trata-se então de conhecer melhor a influência antrópica e/ou natural na dinâmica ambiental, ampliando os dados científicos acerca da planície costeira de Quatipuru, tão importante para somar aos estudos paleoambientais e ambientais na zona costeira do nordeste paraense e conseqüentemente para a melhor gestão de seus recursos naturais no âmbito das Reservas Extrativistas Marinhas – RESEX da costa brasileira.

Para isso, em um primeiro momento iremos situar o lugar de nossa pesquisa; logo mais, pontuaremos a paisagem na perspectiva da geografia humanista e cultural, considerando a percepção dos moradores locais; em um outro movimento relacionaremos o sentido e *paisagem* como texto a ser decifrado, como dimensão da cultura, dando sentido ao ordenamento territorial em termos de RESEX's; por fim, as conclusões como encontro de nossas problemáticas para além da finitude investigativa que propomos aqui.

O MUNICÍPIO DE QUATIPURU

Memória, percepção e vivência na dinâmica socioambiental de uma comunidade costeira
Amazônica – PA

Felipe Kevin Ramos da Silva; Cristina do Socorro Fernandes Senna

O município de Quatipuru pertence à Mesorregião Nordeste Paraense e à Microrregião Bragantina, localiza-se na latitude 00°53'49" Sul e longitude 47°00'19" Oeste, com uma altitude de 29 metros, fazendo limite ao Norte, com o Oceano Atlântico, a leste e ao Sul, respectivamente com os municípios de Tracuateua e Capanema e, a oeste, com os municípios de Primavera e São João de Pirabas, conforme a Figura 1.

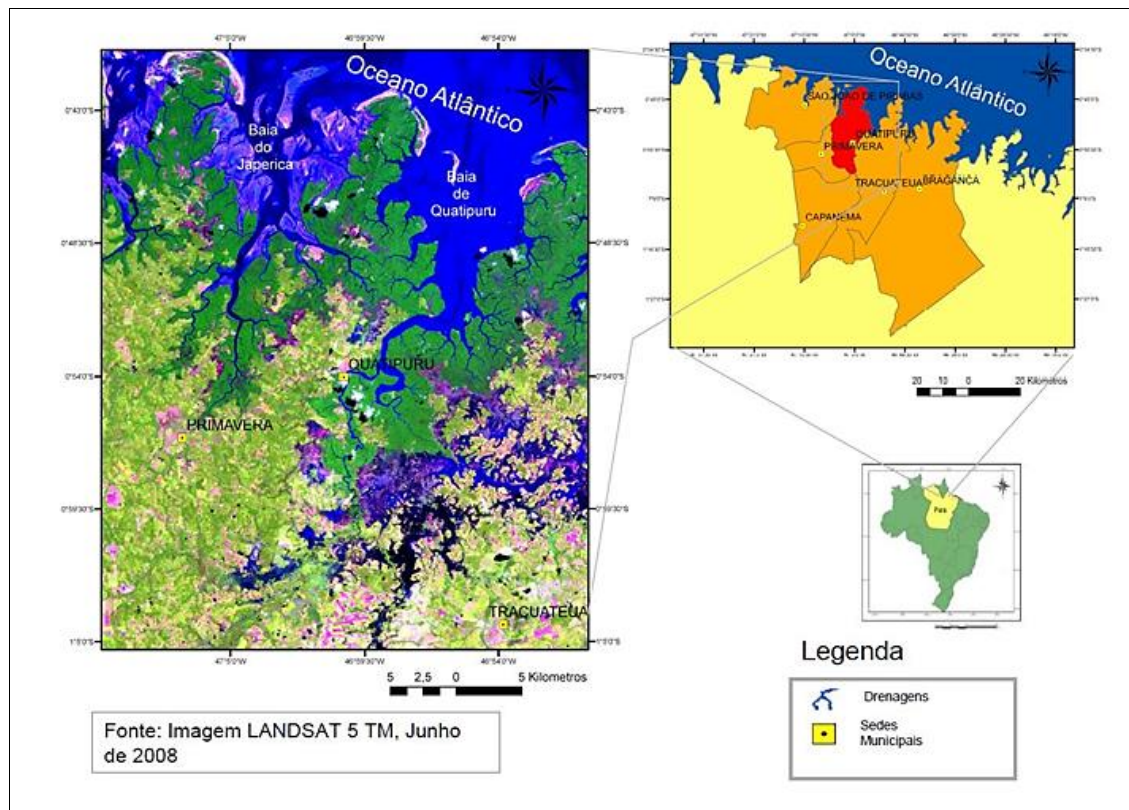


Figura 1 – Mapa de localização do município de Quatipuru – PA.

A origem do município de Quatipuru está intimamente relacionada com a história do município de Capanema e, muitas vezes, se confunde com ela. Em 1879, parte das terras do município de Bragança foi desmembrada para a criação do município de Quatipuru, nome com o qual, inicialmente, ficou conhecido o município de Capanema. O marco inicial do povoamento de Quatipuru é atribuído ao sítio do senhor Joaquim da Silva, a partir do qual, posteriormente, foi instalada a sede municipal (SENNA, 2010).

Enquanto ainda era conhecido por Quatipuru, foram muitos os atos que afetaram a circunscrição legal do atual município de Capanema. Em 1863, segundo a Lei nº 432, de 31 de dezembro, o povoado de Quatipuru foi constituído em Distrito de Paz. Em 1868, pela Lei nº 591, de 26 de outubro, foi elevado à categoria de Freguesia. Por sua vez, em 1879, segundo a Lei nº 934, de 31 de julho, a freguesia de Quatipuru foi elevada à categoria de Vila, com a criação do respectivo Município, instalado no dia 1º de julho de 1883. Até

Memória, percepção e vivência na dinâmica socioambiental de uma comunidade costeira
Amazônica – PA

Felipe Kevin Ramos da Silva; Cristina do Socorro Fernandes Senna

então aquela região pertencia ao município de Bragança (SENN, 2010). Em 1900, mediante a Lei Estadual nº 729, de 3 de abril, o município de Quatipuru foi extinto, sendo o seu território anexado às áreas patrimoniais dos municípios de Salinópolis e Bragança. Já em 1902, de acordo com a Lei nº 823, de 24 de outubro, Quatipuru voltou a suas condições de Município, resgatando os seus antigos limites territoriais (SILVA et al., 2011).

A partir de 1908 começaram as mudanças na sede municipal de Quatipuru. Fatores decisivos, como o desejo do então governador Augusto Montenegro em concluir a Estrada de Ferro de Bragança e colonizar as suas margens, como vinha sendo feito por governos anteriores, somados à boa localização geográfica da vila de Mirasselas em relação à referida ferrovia, contribuíram para que a Lei Estadual nº 1.052, de 28 de outubro de 1908, transferisse a sede municipal de Quatipuru para aquela Vila. Em 1913, porém, pela Lei Estadual nº 1.327, de 21 de outubro, a sede municipal retornou ao lugar de origem: a vila de Quatipuru (SILVA et al., 2011).

Em 1919, segundo a Lei n.º 1.802, de 4 de novembro, a sede municipal foi transferida para a vila de Capanema, o que ocasionou o retorno de Quatipuru à condição de distrito. Em 1955, houve uma tentativa de desmembramento do território de Capanema para constituir o município de Quatipuru, mediante a Lei Estadual n.º 1.127, de 11 de março, ato este que foi anulado devido à inconstitucionalidade da Lei, assim decretada pelo Supremo Tribunal Federal. Por outro lado, em 1961, concretizou-se o desmembramento de parte do território de Capanema para a criação do município de Primavera, conforme a Lei n.º 2.460, de 29 de dezembro. Capanema perdeu, além do distrito de Primavera, o distrito de Quatipuru, que passaram a pertencer ao novo município (SILVA et al., 2011).

Finalmente em 1994, a Lei nº 5.859, de 5 de outubro, assinada pelo governador Carlos Santos, criou o município de Quatipuru, desmembrado do município de Primavera, com sede na localidade de Quatipuru, que passou à categoria de cidade, com a mesma denominação. Sua instalação aconteceu no dia 1º de janeiro de 1997, com a posse do Prefeito Ranulfo Teixeira Cavalcante, do Vice-Prefeito e Vereadores eleitos no pleito municipal de 03 de outubro de 1996. O primeiro nome dado ao Município, Quatipuru, foi devido à abundância de roedores - coatipuru ou acutipuru *Sciurus aestucus*- existentes na região (SILVA et al., 2011).

Os depósitos geológicos estão representados, principalmente, por sedimentos silissiclásticos inconsolidados da Formação Barreiras (Mio-Plioceno), enquanto os sedimentos lamosos constituem o substrato de manguezais, os feixes de cordões arenosos formam as restingas costeiras, que fazem limite com as várzeas de maré e campos

inundáveis da baía interna de Quatipuru, provavelmente holocênica. Há registros localizados da ocorrência de depósitos fossilíferos constituídos por calcários e paleomangues da Formação Pirabas, do Mioceno Inferior, subjacentes à Formação Barreiras (SENNA, 2010).

ANÁLISE DA PAISAGEM EM TAPERINHA

Analisar a paisagem na zona costeira paraense é reconhecer a existência dos sujeitos e suas coexistências concretas com a natureza física que, por sua vez, revela-se como mundo vivido (*Lebenswelt*) e dimensão de uma territorialização sensível e contextualizada: a paisagem. Segundo Eric Dardel, “a paisagem é a geografia compreendida como o que está em torno do homem, como ambiente terrestre. [...] a paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido [...]” (DARDEL, 2015, p. 30). Aquilo que está em volta do homem, isto é, o “mundo circundante” (HEIDEGGER, 1988), fundamenta seu saber e aguça sua percepção, certamente, a partir de experiências vividas com seu ambiente – entre céu e terra, deuses e mortais: a quadratura Heideggeriana.

Dessa maneira, acredita-se que seja fundamental buscar compreender “o ambiente em sua totalidade, ou seja, em seus aspectos naturais e artificiais, tecnológicos e sociais (econômico, político, técnico, histórico-cultural e estético)” (MARCATTO, 2002, p. 21).

Sob um viés fenomenológico, acredita-se que a paisagem é o elo entrelugares, isto é, uma conectividade que faz cada homem, mulher e criança sentir-se uma “presença” única na Terra, uma singularidade existencial que é permitida somente pelo “lançar-se” (HEIDEGGER, 1988) ou, como define o geógrafo Tuan (2013), pela “conquista do espaço”. Em outras palavras, a paisagem “[...] coloca em questão a totalidade do ser humano, suas relações existenciais com a Terra [...] Presença atraente ou estranha, e, no entanto, lúcida. Limpidez de uma relação que afeta a carne e o sangue” (DARDEL, 2015, p. 31). De forma procedente, seguiremos à percepção como forma-primeira dos “saberes vernaculares” (CLAVAL, 2011), ou seja, “é através da percepção e experiências vividas que nos damos conta da realidade, do mundo que nos circunda” (SILVA, 2015, p. 76). É por meio da percepção que a comunidade de Taperinha toma consciência de sua realidade (Figura 2).

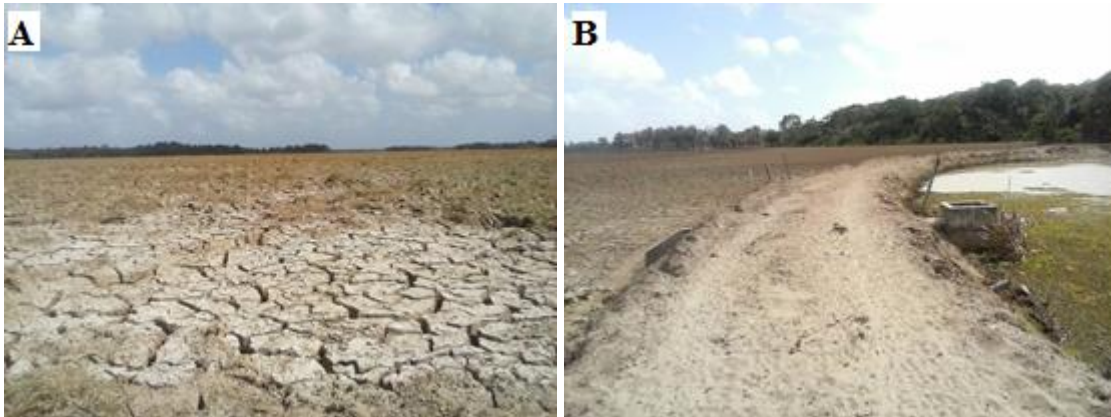


Figura 2 – (A) A seca proporcionada pelas mudanças sazonais nesta região, que, neste momento, vinha sofrendo com o prologamento por conta do *El niño*. (B) Estratégia comunitária para reter água da chuva neste período, garantindo a sobrevivência do gado e de outras espécies de animais.

Fonte: Trabalho de campo, 2016.

As mudanças sazonais afetam sobretudo a zona rural do município de Quatipuru. Com grande precipitação de chuva, que traz o “verde” dos campos e, por outro lado, a estiagem, com a seca, provocando até mesmo o rachar dos solos. Estávamos andando pelo campo seco quando fiz a seguinte pergunta a um dos habitantes locais: e agora, nesse período, mais seco, fica mais difícil?

Fica mais difícil devido a pastagem. Os bichos estão andando muito [búfalos]. Por causa da pastagem que não tem. Só deu uma chuvada, agora tornou parar. Tá seco demais moço. Mostrei para o Felipe o tanto de sal que tem lá em casa! Agora botei pra esses dias sal no campo para o gado comer. A água salgada entra no campo, aí ela fica presa a água né? Aí não chove e outra água salgada não entra mais, aí ela ficou, presa. Fica só o sal. Tirei quase umas vinte e poucas latas [de sal] (Sr. Joaquim, entrevista realizada no dia 13/01/2016).

Os “períodos de seca” ocorrem durante os meses de julho a início de janeiro, e os meses de chuva são de final de janeiro a final de junho. Contudo, a região passa por um fenômeno natural que estendeu o período de seca durante todo o mês de janeiro, chegando ao mês de fevereiro, potencializando estratégias de sobrevivência da comunidade. Para isso, a comunidade utiliza de seus saberes vernaculares aliados à percepção, como recursos ofertados pela memória, ou seja, formas imediatas de lidar com problemas que muitas vezes são inesperados, “assim, a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência” (TUAN, 2013, p. 18). Vejamos o que um morador da comunidade tem a nos dizer:

A gente tem que se virar, né? Eu aprendi com meu pai – eu andava com ele tudinho isso aqui – que a gente não pode ficar parado. Essas coisas acontece né? Mas a gente tem que sobreviver. Isso é coisa da natureza, então é normal [com um leve sorriso no rosto]. É ruim quando é o homem, né? O homem destroe

Memória, percepção e vivência na dinâmica socioambiental de uma comunidade costeira
Amazônica – PA

Felipe Kevin Ramos da Silva; Cristina do Socorro Fernandes Senna

mais que a natureza. A pior coisa é o ser humano (Sr. Joaquim, entrevista realizada no dia 13/01/2016).

Segundo Tuan (2013), o que podemos conhecer é a realidade, pois a realidade é um dado experienciado. O Sr. Joaquim conhece sua realidade, sendo uma construção de suas experiências que nascem quando ainda jovem, no tempo que acompanhava seu pai como “aprendiz”. Sentimento e pensamento, se manifestam como ato projetivo das vivências. O ato de “se virar”, como fala o Sr. Joaquim, perante às dificuldades impostas pela dinâmica da natureza é aquilo que Heidegger (1988) reconhece como “ser-no-mundo”. Portanto, ser-no-mundo é estar *aberto* no *mundo* à infinitas possibilidades de ser, com a presença de momentos alegres e/ou angustiantes. Daí o sentido de existência. Diante disso, como bem nos desvela o Sr. Joaquim, são justamente essas vivências festivas e, principalmente, as angustiantes, que fortalecem “nossa vontade de querer morar aqui [...] aqui é o meu lugar. Onde conheci minha mulher [...] As vezes é ruim né? por causa também que não tem assistência [...]” (Entrevista realizada no dia 13/01/2016).

Essa perspectiva nos possibilita apreender a realidade por mediação da paisagem, levando em consideração pelo menos três dimensões: o sentimento, o pensamento e o agir. São princípios essenciais à compreensão da “geograficidade” (DARDEL, 2015) que emana da relação visceral da comunidade de Taperinha com seu ambiente físico. A “habilidade espacial” da comunidade solicita de forma precedente um “estar em jogo” (HEIDEGGER, 1988), uma forma de a “presença” ser mais própria no mundo circundante, considerando, que na busca dessa “autenticidade geográfica”, o sentimento, o pensamento e o ato de agir se constituem como fundamentos dessa espacialização (MERLEAU-PONTY, 1994). Um ordenamento territorial que nasce no campo da subjetividade humana em ação (SARTRE, 2014). O que se pode conhecer é a realidade de Taperinha, o dado experienciado e sua essência, no entanto, pertence à comunidade. A experiência vivida não é nossa, é deles. Parafraseando Tuan (2013), o ato de “[...] pensar e planejar ajudam a desenvolver a habilidade espacial do homem no sentido de movimentos corporais ágeis. Porém, muito mais impressionante é o efeito de pensar e planejar sobre a habilidade espacial entendida como a ‘conquista do espaço’ [...]” (TUAN, 2013, p. 244).

Compreende-se, nesse sentido, que paisagens são compostas por estruturas ontológicas. De um lado, homens e mulheres que fazem da Terra um *habitar*, e de outro a Terra – campos e florestas –, chamando por essa *habitação*. Mas isso não significa afirmar que este estudo parta do pressuposto dualista entre “paisagem natural” e “paisagem cultural”, divulgadas, principalmente por Sauer (2012), Cosgrove (2012; 2014a; 2014b) e até

Memória, percepção e vivência na dinâmica socioambiental de uma comunidade costeira
Amazônica – PA

Felipe Kevin Ramos da Silva; Cristina do Socorro Fernandes Senna

mesmo Santos (2008; 2014). Embora não desconsideremos suas contribuições à análise geográfica sobre a dinâmica da paisagem. A presente pesquisa é uma tentativa de unir o caráter humanista – a partir da abordagem fenomenológica – e as paisagens (Figura 3) do ecossistema estuarino como uma proposta geográfica que considere a complexidade do real, a “complexidade” como nos ensina Morin (2015).



Figura 3 – Paisagens no município de Quatipuru, demonstrando que os estudos humanistas não compreendem o homem tangenciado da natureza física, mas este homem só é por meio dessa relação (sociedade-natureza), possuindo a paisagem como mediador.

Presenciam-se na Figura 2 pelo menos 6 (seis) paisagens, que compõem a complexidade ecossistêmica de Quatipuru, no qual a comunidade de Taperinha se localiza e se insere: (A) Campo salino; (B) Campo periodicamente inundável; (C) Várzea de maré; (D) Restinga e praia; (E) Manguezais; (F) Capoeiras em terra firme. Essa análise faz consonância com Dardel (2015) ao descrever que a geografia deve por fim ser uma ciência interpretativa, descritiva dos “signos” da Terra. E isso significa dizer que, os rios, os mangues, os campos salinos, as capoeiras, em Quatipuru, contribuem para a constituição ontológica das populações locais, pois a paisagem é “uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma ‘impressão’, que une todos os elementos” (DARDEL, 2015, p. 30).

Com base em Bachelard (1993), o estudo da paisagem deve partir da relação entre o sujeito e a casa, a paisagem como intimidade, no qual “[...] os odores do solo, o arranjo

vegetal se misturam com as lembranças, com todos os estados afetivos, com ideias, mesmo com aquelas que acreditamos serem as mais independentes” (DARDEL, 2015, p. 34). Apreender essa conjuntura em sua totalidade, na sua forma complexa que se apresenta, é considerar a importância da comunidade de Taperinha em sua própria formação geográfica, seus saberes e da significação que estes sujeitos dão a suas vidas e a suas paisagens vividas.

IN(CORPO)RANDO A PAISAGEM COMO IDENTIDADE TERRITORIAL

Ressalva-se que não se trata de “estimular” um novo paradigma, mas de fazer emergir as potencialidades e possibilidades da geografia enquanto ciência da existência humana (DAL GALLO; MARANDOLA JR., 2016) Trata-se, portanto, da possibilidade de “levar o conhecimento geográfico e o significado da própria geografia ao limite de suas potencialidades ao buscar as sendas da fenomenologia” (DAL GALLO; MARANDOLA JR., 2016, p. 176). E isso, embora, para muitos, pareça confuso, esta interpretação nos direciona a apreender a construção da paisagem como identidade territorial, na medida perceptiva do corpo no espaço (MERLEAU-PONTY, 1994), reafirmando aquilo que Tuan (2013) chama de “habilidade espacial”, ou seja,

Eu ando por tudo isso desde muito tempo. Quando ia pro mato. Esse arranhado tudinho que as vezes aparece na gente é por causa dessas andanças na mata [floresta próxima a comunidade], no campo correndo atrás desses bichos [búfalos, pois “andam” mais que o boi e a vaca, por exemplo]. Eu me criei assim, andando, né, por aqui tudo, como a gente faz tá fazendo agora [...] uma vez eu levei a doutora, mas ela não deu conta de voltar, eu acho [com um leve sorriso no rosto] (Sr. Joaquim, entrevista realizada no dia 14/01/2016).

A identidade é autêntica para aqueles que habitam o lugar ao modo que o corpo ganha uma dimensão do habitar, isto é, habitar é estar territorializado, familiarizado culturalmente a partir das experiências concretas, possibilitadas pela vontade em potência de sentir-se conectado com a Terra, representada pela paisagem. Nas palavras de Heidegger ([1951] 1954, p. 1), “só é possível habitar o que se constrói...”, e, se bem isso é verdade, tem-se a noção então que “toda identidade territorial é, obviamente, uma identidade social”, portanto, não “há território sem algum tipo de identificação e valorização simbólica (positiva ou negativa) do espaço por seus habitantes” (HAESBAERT, 2013, p. 235).

O entendimento da in(corpo)ração da paisagem como identidade territorial nos possibilita a uma descrição densa (*thick description*) acerca da dinâmica socioambiental de Taperinha, das teias que sustentam a cultura e transcendem o espaço objetivo. Essa

Memória, percepção e vivência na dinâmica socioambiental de uma comunidade costeira
Amazônica – PA

Felipe Kevin Ramos da Silva; Cristina do Socorro Fernandes Senna

intersubjetividade cultural só é permitida por meio da motricidade do corpo no espaço, no qual podemos perceber as formas comportamentais, éticas, míticas e telúricas com os ecossistemas locais. Entende-se, desse modo, que “a ação constante das corporeidades no lugar corresponde às diversas experiências de existir” (CHAVEIRO, 2015, p. 251), ou seja, as múltiplas formas de territorialização, ou como Holzer (2010) prefere denominar: “microterritorialidades” ou “lugaridades”.

Segundo Eric Dardel,

uma verdade emerge da paisagem, contudo não como teoria geográfica ou mesmo como valor estético, mas como expressão fiel da existência, e é assim que os alinhamentos megalíticos, um castelo feudal, constituem parte integrante da geografia local como testemunhos de uma presença humana que dá sentido a seu entorno (DARDEL, 2015, p. 32).

Entende-se, nesse sentido, que existe uma relação entre o corpo que habita, a paisagem e, por conseguinte, o ordenamento territorial (Figura 4).



Figura 4 – (A) Criança ajudando seu avô a catar o sarará; (B) É na percepção que a Criança apreende o mundo, em uma intimidade espacial, sempre em conjunto com a realidade vivida: a paisagem. Foto: Felipe Kevin, 2016.

A partir de uma interpretação densa, o antropólogo Clifford Geertz nos ensina que cada cultura possui um sistema de significados de mundo (GEERTZ, 2008). Um mundo que é construído pelas vivências e experiências e, sobretudo, alicerçado à capacidade humana de comunicação que “constituem a imaginação coletiva e definem a cultura não material” (COSGROVE, 2012, p. 108). Trata-se, então, de um conjunto de crenças, mitos, que aliados à cultura material constituem ontologicamente a paisagem como texto a ser decifrado. Nesse sentido, entendemos que “El ambiente no es la ecología, sino la complejidad del mundo; [...] Desde allí parte nuestro errante camino por este territorio

**Memória, percepção e vivência na dinâmica socioambiental de uma comunidade costeira
Amazônica – PA**

Felipe Kevin Ramos da Silva; Cristina do Socorro Fernandes Senna

desterrado del campo de las ciencias, para delinear, comprender y dar su lugar – su nombre próprio – al saber ambiental” (LEFF, 2006, p. 5). Em outras palavras, queremos dizer:

É, aqui é a floresta. Eu vinha aqui desde muito tempo, com meu pai e outras pessoas [...] vinha para pegar madeira, às vezes pra brincar né, pegar fruta pra comer mesmo [...] a floresta [a mata], eu conheço tudo isso. Não me perco não. Conheço como minha mão isso aqui [...] quando os bixos começam a fazer barulho né, a gente volta [...] esse é nosso meio [ambiente] (Sr. Joaquim, entrevista realizada no dia 14/01/2016).

Adentrando a floresta, as conversas mútuas revelavam nossos anseios e dificuldades. De um lado, um jovem pesquisador demasiadamente cansado e, do outro, um andarilho, um ser espacializante, que se territorializa ao mesmo tempo que (re)cria sua paisagem, no cotidiano, e (re)conhece essas densas trilhas como se conhece as linhas da mão. Ao perguntar como ele conhecia tanto aquela floresta e que, por capricho de confiança nunca tenha se perdido, o mesmo responde: “Desde criança eu vinha aqui, com meu pai, parentes né? Desde jovem eu ando por aqui [...] eu nunca me perdi [com um sorriso demasiadamente confiante no rosto]” (Sr. Joaquim, entrevista concedida no dia 14/01/2016). Desse pressuposto, nasce a importância da memória como instrumento do ser próprio, o “resguardo geográfico”, como recurso e bússola (SILVA, 2014; 2016).

Já dizia uma criança que sempre nos acompanhava:

Sim, aqui é assim [silencioso]. Por que tem que ouvir a floresta. Quando começa a ficar escuro os bixos saem tudinho, aí é perigoso [estávamos sem instrumentos de caça]. A guariba começa a gritar, tá na hora de ir embora [com um sorriso, dizia]. Eu venho sempre quando ele [seu avô] vem para cá. Por que eu gosto. É melhor que ficar em casa. Gosto de ajudar (Criança, entrevista realizada no dia 14/01/2016).

O “apelo” da natureza é o “silêncio” encontrado nas longas caminhadas nos campos, nas estradas e, sobretudo, no adentramento da floresta localizada próximo à residência da comunidade, no qual retiram madeira para construção de residência e outros fins materiais. É um silêncio que pronuncia-se, que fala, que flui no espírito espacializante dos habitante locais. Porém, muitas vezes e, sobretudo, o sujeito cientificista “... não presta atenção a esse silêncio” (HEIDEGGER, 1954). Este “silêncio” somente é permitido à quem se dispõe a ouvir – e isso já pressupõe o corpo como conjuntura e intersubjetividade cultural – que ecoa n’alma daqueles que desde a infância, no resguardo memorável, pressupõe sua existência. É necessário prestar atenção a este silêncio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Memória, percepção e vivência na dinâmica socioambiental de uma comunidade costeira
Amazônica – PA

Felipe Kevin Ramos da Silva; Cristina do Socorro Fernandes Senna

O que nos faz crer que uma possível solução para o melhor agenciamento dos recursos naturais seja por via, metodológica, uma interpretação fenomenológica? A fenomenologia nos ensina a considerar as populações humanas por suas dimensões existenciais com a natureza circundante: a paisagem. A Geografia, aqui construída pelas experiências socioambientais da comunidade de Taperinha, é uma tentativa-alternativa de integração das razões e emoções das pessoas que vivem o lugar, por via de suas técnicas de uso e manejo dos ecossistemas locais e suas percepções.

O corpo encarnado no mundo surge como meio entre o *ser* e esse *mundo*, que pela temporalização cristalizada espacialmente já pressupõe uma corporeidade concreta pelo cotidiano vivido das experiências: o princípio, que consideramos essencial, do ordenamento territorial em termos de RESEX marinha. Por se tratar substancialmente do “oxigênio da alma”, a geografia é, sobretudo, um saber das pessoas, homens, mulheres e crianças, uma revelação, uma denúncia ao cientificismo e toda política que tangencie a existência humana em suas ações de agenciamento ambiental. Nas palavras de Eric Dardel, é

necessário que os homens se surpreendam com os fatos com que se deparam, que ultrapassem esses fatos como simples existentes. É necessário que a dúvida nasça em seu espírito a respeito [e respeite] das [as] lendas e dos [os] mitos que os justificam, através da dúvida que os submete à crítica [...] (DARDEL, 2015, p. 84).

Assim sendo, surge a seguinte reflexão: Como podemos conciliar a percepção socioambiental das populações humanas de Quatipuru para a melhor gestão de seus recursos naturais no âmbito das Reservas Extrativistas Marinhas da costa brasileira?

A nosso ver, essa reflexão procede. Essa toponálise do ser-no-mundo é, resumidamente, o modo de vida e a dinâmica socioambiental da comunidade de Taperinha com os ecossistemas locais; uma relação visceral entre o Homem e a Terra, que, inclusive, poderia “ajudar a resolver o caráter econômico da apropriação dos recursos naturais [...]” (VENTURI, 2006, p. 12) nesta região. Esta sensibilidade não é um humanismo eufórico, nem mesmo um desespero (SARTRE, 2014), mas uma ruptura com um *cogito* fundamentado em um estruturalismo político ambiental ausentado em si mesmo.

O humanismo, que permeia esta pesquisa, emana das necessidades locais, que sem uma infraestrutura adequada para lidar com alguns problemas, como o prolongamento da estação seca por conta do fenômeno *el niño*, recorrem à tríade que é extremamente importante a sua sobrevivência: a memória, percepção e vivência. Ser criativo é uma questão de percepção, é lançar o olhar para além da visão operacional e ter consciência de renovação

no fluxo do espaço-tempo – é aquele sujeito que pesca, planta, caça e extrai, que repõe sua essência em sua existência por meio de sua “facticidade”.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-graduandos em Sociologia Política da UFCS**, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan./jul. 2005 Disponível em: <https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1255603/mod_resource/content/0/Aprendendo_a_entrevistar.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2015.

COSGROVE, D. Mundos de significados: geografia cultural e imaginação. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Geografia cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2012. p. 105-118.

_____. Em direção de uma geografia cultural radical: problemas da teoria. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Introdução à geografia cultural**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014a. p. 103-134.

COSGROVE, D.; JACKSON, P. Novos rumos da geografia cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Introdução à geografia cultural**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014b. p. 135-146.

CHAVEIRO, E. F. Corporeidade e lugar: elãs da produção da existência. In: MARANDOLA Jr., E. et al. (Org.). **Qual o espaço do lugar**. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 249-280.

CLAVAL, P. “A volta do cultural” na Geografia. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, v. 01, n. 1, p. 19-28, mês 2002. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/view/192/158>>. Acesso em: 04 mar. 2015.

DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DAL GALLO, P. M.; MARANDOLA JUNIOR, E. **O pensamento Heideggeriano na obra de Éric Dardel: a construção de uma ontologia da Geografia como ciência existencial**. Revista da ANPEGE, v. 11, n. 16, p. 173-200, 2016. Disponível em: <<http://anpege.org.br/revista/ojs-2.4.6/index.php/anpege08/article/view/456>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2017.

FERNANDES, M. E. B. **Os manguezais da costa norte brasileira**. Vol. 2. São Luís: Fundação Rio Bacanga, 2005.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro : LTC, 2008.

HAESBAERT, R. Identidades territoriais. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.) **Geografia Cultural: um antologia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. p. 233-244.

_____. **Territórios alternativos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

HEIDEGGER, M. **Construir, habitar, pensar**. Tradução de Marcia Sá Cavalcanti. v. 6. 1954.

_____. **Ser e Tempo**. Trad. Márcia de Sá Cavalcanti. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.

LEFF, E. **Aventuras de la epistemologia ambiental**. México, D. F.: Siglo XXI, 2006.

LOUREIRO, P. de J. Meditação devaneante entre o rio e a floresta. **Arteriais – Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes**, v. 3, n. 3, p. 8, 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/ppgartes/article/view/3924>>. Acesso em: 15 maio 2016.

MORIN, E. **O método 3: conhecimento do conhecimento**. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MARCATTO, Celso. **Educação ambiental: conceitos e princípios**. Belo Horizonte: FEAM, 2002.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EdUSP, 2008.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. 6. ed. São Paulo: EdUSP, 2014.

SARTRE, J.-P. **O existencialismo é um humanismo**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SENNA, C. S. F. **Análise palinológica e sucessão vegetal durante o Holoceno nos ecossistemas costeiros do município de Quatipuru – Pará**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2010. (Relatório de Pesquisa).

SIMÕES, M. F. Coletores-pescadores ceramistas do litoral do Salgado (Pará). **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, Antropologia**, 26, 1981. Disponível em: <<http://repositorio.museugoeldi.br/jspui/bitstream/123456789/223/1/B%20MPEG%20Ant%20n78%201981%20SIMOES.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2015.

SAUER, C. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R. L. ; ROSENDAHL, Z. (org.). **Geografia cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. .

Memória, percepção e vivência na dinâmica socioambiental de uma comunidade costeira
Amazônica – PA

Felipe Kevin Ramos da Silva; Cristina do Socorro Fernandes Senna

SILVA, F. K. R. **Análise da paisagem no município de Quatipuru – PA:** recuperando a memória, conhecimento e percepção ambiental de populações locais. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2014. (Relatório de pesquisa; Bolsa PIBIC/CNPq/MCTI).

_____. **Geografia e Fenomenologia:** por uma ontologia do espaço e do lugar. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em Geografia) – Universidade do Estado do Pará, Belém-PA, 2015. p. 94.

_____. **Memória, percepção e vivência da dinâmica socioambiental de uma comunidade costeira amazônica.** Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2016. (Relatório de pesquisa; Bolsa PIBIC/CNPq/MCTI).

SILVA, A. P. da; SENNA, C. S. F.; BARBOSA JÚNIOR, J. S.; HOLANDA, S. C.; RIBEIRO NETO, B. de S. Sociedade, natureza e paisagem em estudos interdisciplinares na costa amazônica In: SIMPÓSIO DE PESQUISA INTERDISCIPLINAR DA AMAZÔNIA LEGAL, 1., 2011, Belém. **Anais...** Belém: Universidade do Estado do Pará, Centro de Ciências Naturais e Tecnologia. 2011.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia:** um estudo da percepção. Trad.: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

_____. **Espaço e lugar:** a perspectiva experiência. Trad. Livia de oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

Recebido para avaliação em 01/08/2016
Aceito para publicação em 13/03/2017